



Questão 1: O meio técnico-científico-informacional é um conceito influenciado pela vertente da geografia crítica fundada no materialismo histórico e na dialética, tendo como marco as mudanças teóricas da ciência geográfica a partir da década de 1970, com as aquisições das lutas sociais da década de 1960. Sobretudo das repercussões da Guerra do Vietnã (televisada) e dos movimentos sociais como o movimento hippie, dos negres, das mulheres e etc; nos Estados Unidos da América E.U.A.

O meio técnico-científico-informacional é um conceito que explica a quarta fase do capitalismo, numa divisão em: capitalismo comercial, industrial, financeiro e informacional. A partir da década de 1970, as transformações nos âmbitos da tecnologia, comunicação e ciência chegaram a patamares nunca antes imagináveis. O nível de interligação entre a técnica, a ciência e a informação causam transformações nas concepções de espaço e tempo.

Dois autores relevantes para a geografia abordam essa fase do sistema capitalista e suas repercussões para a vida em sociedade, são eles, o geógrafo brasileiro, intelectual negro Milton Santos e o geógrafo norte-americano David Harvey. Ambos analisaram as modificações em decorrência do nível atual de avanços técnicos e das telecomunicações. No entanto, destacam uns aspectos da "compressão do espaço pelo tempo", expressão usada por Harvey no livro intitulado "Condição Pós-moderna" e na efetivação dessa ocorrência de compressão do espaço pelo tempo, já que nem todos os espaços e lugares do planeta são contemplados por essas tecnologias, perspectiva salientada por Milton Santos no livro "Por uma outra globalização". Neste livro, o autor busca explicar o momento vigente mostrando os avanços e retrocessos do período na sua fase presente e na possibilidade de uma globalização mais positiva para os aglomeramentos humanos mais afetados pela eminente desigualdade social.

Embora ocorram divergência teóricas e de abordagens,



ambos autores se debatem sobre as condições atuais de influência das ciências aplicadas sobre as técnicas e suas respectivas no espaço e no modo de vida cotidiana. Pode-se compreender esse período com algumas características: o encurtamento de grandes distâncias com os avanços técnicos em aviões, navios e meios de transporte em geral; velocidade na troca de fluxos de dados e informações; na troca de mercadorias, produtos e pessoas.

Esses maiores fluxos de pessoas e mercadorias, ocorrem em além de conectar realidades distintas por meio da internet, de viagens e por viajando; permite uma reafirmação de identidades. Do mesmo tempo que há a reafirmação de identidade há a reafirmação de disputas territoriais. As identidades estão em inúmeros casos ligadas a domínio e ao pertencimento com o território.

Compreende-se o território como um conceito de análise das ciências humanas abordado na geografia desde meados do século início, enquanto ciência, atrelado a perspectiva de domínio de áreas. É portanto, associada a poder. Claude Raffestin traz a análise de que território é definido "por e a partir das relações de poder". Temos como base a tentativa de compreender o conceito de território, o ensaio de Marcelo Frey Lopes de Souza incluído no livro 'Conceitos e temas' organizado por Iná Elias de Castro, um livro sobre a ciência geográfica, em que Souza aborda o conceito de território desde sua ligação entre estado e poder, associada ao nacionalismo e patriotismo até o território como via de autonomia; buscando a via da política, com poder de uma coletividade em reger-sei própria, por meio de próprias leis. A autonomia sendo encarada como um processo de auto-instituição da sociedade em direção a liberdade e menos desigualdade, em um processo livre de discussão na coletividade num sentido de viver em liberdade na sociedade.

Em toda discussão de território há uma materialidade, que representa economicamente um grupo e há uma identificação



cultural de um grupo. Outros autores abordam o território a partir da sua relação cultural e espacial, como o geógrafo Paul Claval, no livro 'Geografia Cultural' que orienta os aspectos culturais, de pertencimento com o território. É o geógrafo Rogério Rothman que aborda as encunções do conceito de território ao longo da história do pensamento geográfico e a ideia exônea que havia uma possível desterritorialização, no livro intitulado 'O mito da desterritorialização', por ele tratar de uma impossibilidade; já que mesmo que ocorram mudanças nas relações das pessoas daquele grupo com o lugar, novas territorialidades se sobrepõem e vão se reconstruindo.

Questão 2: Dois fatores referentes ao meio técnico-científico-informacional que influenciam na emergência de novas territorialidades em escala global são: os regionalismos e os conflitos identitários. Com o maior fluxo de informações, produtos e pessoas, há também o maior fluxo de capitais, e portanto, preocupações de ordem econômica. Foi exatamente nesse contexto de uma pretensa liberdade comercial com o slogan de "um mundo sem fronteiras" que ocorreram também a constituição dos blocos econômicos regionais. Inicialmente na Europa ocidental com o financiamento dos Estados Unidos para a sua reestruturação, no período conhecido como Pós-Guerra, posteriormente a Segunda Guerra Mundial. Inicia-se a formação de organizações supra-nacionais como ONU, organizações das Nações Unidas, OTAN - Organização do Atlântico Norte e os demais e inícios do que virá a ser a União Europeia (UE). No um mundo bipolar, no período pós-segunda guerra mundial, a companhia dos acontecimentos de organização, acordos e tratados que sobre a pretensa ideia de eliminar barreiras, modificam regionalismos. É dentro desse contexto também que ocorrem as bandeiras e demandas identitárias nacionais ou de agrupamentos étnicos em territórios reivindicando autonomia e formação de Estados-



nações, como a formação do Estado de Israel em território Palestino. Muitos são os conflitos de ordem identitária, étnico-religiosa, como por exemplo em partes do Oriente Médio, Afeganistão, Palestina e Síria. Como também de ordem identitária, étnico-linguística como na Espanha, com o caso basco e a tentativa de separação da Catalunha (Cataluña). Considera-se também os inúmeros conflitos étnicos em África, como por exemplo a presença do grupo terrorista Hezbolá com origem islâmica na Nigéria. Tanto na Espanha, quanto no Oriente Médio e África há a presença de grupos extremos terroristas de cunho religioso, exceto na Espanha, o cunho não é religioso, e sim linguístico com o grupo separatista basco de denominação ETA. A reafirmação de identidade gera conflitos, guerras e a formação de grupos de oposição, e nesse contexto, surgem demandas de novas territorialidades.

Quando refletimos um conceito de territorialidade, há autores que compreendem como um comportamento espaço-territorial de um grupo. Em geral, a abordagem da territorialidade tem uma certa interação homem e espaço, compreende-se uma interação entre humanos mediadas pelo espaço, que não se encerra em si. Em todas as situações os atores se deparam com necessidades que passam pela defesa e manutenção de um território, modos de vida, recursos necessários para a sobrevivência e a realização e reafirmação das suas identidades.

Em muitos casos da contemporaneidade, controlar, compreender e viver o território, na sua territorialidade é indispensável a mobilização dos indivíduos em cidadãos, até mesmo para a manutenção das suas existências. Portanto, reexaminadas as diferenças históricas, sociais, culturais, políticas e territoriais, os exemplos citados e tantos outros pelo mundo, como Miami na Ásia, além de África, Europa e Oriente Médio, representam a emergência de novas territorialidades. Pois são tidas e grupos humanos inteiros que sucumbem em conflitos armados. Considerando que a indústria bélica, remanescem e nem se extingue antes

das disparidades; diferenças; com desigualdade de estatuto, e os meios químicos.

Questão 3:

Considerando que o território brasileiro possui uma realidade muito diversa em todos os sentidos: físicos - naturais (relevo, clima e vegetação), populacionais (com grande concentração populacional no sudeste, estados de Rio de Janeiro e São Paulo, concentrando mais pessoas), e culturais (tendo em vista a formação do território ter ocorrido pelo litoral do ocidente atlântico, com a presença portuguesa, africana e os povos indígenas que habitavam o território. Além, posteriormente os imigrantes alemães, italianos, holandeses, japoneses e etc.) e econômicas (com uma concentração industrial no sudeste, existência de metrópoles no sudeste, dotadas de infra-estrutura, de todos os tipos; com diferenças das econômicas regionais específicas e um espaço agrícola tão diverso e conflituoso quanto o urbano). Numa tentativa de resumir a complexidade do território brasileiro é enxotá-lo como um país de contraste, tanto no rural quanto no urbano, que cada vez mais se confundem, com as agroindústrias.

Em meio a tantas contradições, o Brasil também se insere na fase atual do capitalismo marcada pelo meio técnico-científico-informacional e portanto também apresenta suas contradições e contrastes. Tomando a região sudeste do país como a mais dotada de indústrias, empresas e centros de pesquisas de uma história de um Brasil formado por ciclos geoeconômicos, concentrados no sudeste, Rio de Janeiro e São Paulo; e no litoral. Tem-se uma carência em outras regiões do país de indústrias, mesmo que haja pontos isolados no sul e nordeste, e a Zona Franca de Manaus na região norte do país, como medida aprovada, de políticas passadas de integrar um país tão fragmentado industrial e territorialmente.

Outras regiões do país como o norte e o centro-oeste, apresen-

stam a herança de um território formado a partir da tentativa de genocídio e invisibilidade dos povos autóctones, denominados por índios pelos colonizadores. Tem-se a herança das capitânicas e sesmarias do século XVII, agora na atualidade nos meios de grandes latifúndios e reduzidos núcleos de famílias, na região nordeste do país.

Na região norte do Brasil, assim como na região sudeste, toda uma herança escravocrata e patriarcal que mantém o Brasil nos meios do coronelismo no nordeste, com baixos índices de escolaridade e analfabetismo. Por mais que nos últimos décadas o número de matrículas em escola tenham aumentado, ainda conta-se com inúmeros pessoas que são analfabetas funcionais, pois não compreendem a leitura e a escrita, apesar de o fazerem. Muitas dessas pessoas estão no nordeste e muitas até mesmo no século XXI ainda se deslocam ao sudeste em busca de trabalho e "melhores" condições de vida, não sendo, cremos, um movimento de migração do Brasil no século passado, XX. Por mais que no nordeste brasileiro tenham capitais como Teresopolis no Rio de Janeiro e Recife em Pernambuco, sem considerar a Bahia, com a capital de Salvador; o interior desses estados ainda é carente de infraestrutura e sofre como herança; ainda as grandes fazendas do coronelismo.

O sudeste brasileiro herdado da urbanização, industrialização e da escravização insufla em contradições estruturais, com inúmeros cada vez maiores de favelas, bairros pobres e contrastes sociais. Sem políticas pós-abolicionistas ao povo negro, o Brasil entra o século XXI aceitando as condições do atraso de um país racista, machista, genocida do povo indígena e estruturalmente desigual. Soma-se a esse cenário de herança do colonialismo, no sentido mais perverso de racismo, patriarcalismo e genocídio, a pouca ou quase nenhuma preocupação ambiental. Além disso, o desmonte das escolas com a expansão dos latifúndios

no centro-oeste, os planejamento desmercadorista do período da ditadura militar no Brasil entre 1960 e 1970 de que a floresta amazônica seria um entrave ao desenvolvimento econômico do país e ao mesmo tempo um lugar de extração de recursos minerais, não valorizando a floresta em pé, na sua biodiversidade e riqueza natural. E as inúmeras reservas e jazidas do minério do país que foram e ainda não recursos naturais não aproveitados em sua maioria como matéria bruta para a exportação, controladas por mineradoras privadas de grupos internacionais. Com maior exemplo a Companhia Vale do Rio Doce privatizada na década de 1990, a um preço injustificável por quanto valia e gerava riqueza e que no século XXI gera um dos maiores impactos socioambientais do Brasil. A distribuição de todo aparato técnico-científico-informacional do Brasil expõe todas as desigualdades socioambientais do país, que possui uma região saturada em todos os aspectos; a região sudeste. Tem um sistema de geração e fornecimento de energia elétrica que busca soluções no norte do país com a hidrelétrica de Belo Monte em Altamira no Pará, que insere em inúmeros problemas sociais na região, pois atinge várias etnias dos povos autóctones incluindo reservas como o Alto Xingu, além de comunidades ribeirinhas, para o fornecimento de uma energia voltada para o sudeste, através do sistema interligado, uma tecnologia que permite trazer energia à longas distâncias por cabos de alta tensão. Considerando que a maior parte desses consumo energético vão para as indústrias e não para uso residencial.

Portanto, compreender-se que há concentração de técnica, ciência e informação em poucas cidades do país, mesmo que no Brasil esteja ocorrendo o crescimento das cidades médias. São elas: Rio de Janeiro e São Paulo. E que na organização e distribuição desses aparatos não é o local valorizado, as pessoas e meios ambientes locais. Porém, os interesses do capital, ligados à grupos, empresas e cooperações internacionais.